

PPGTUR - UFF

Programa de Pós-Graduação em Turismo

Mestrado Acadêmico em Turismo

Curso: História do Turismo Contemporâneo

Prof^a. Dr^a. : Valéria Guimarães

O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM MAMBUCABA PÓS-1950 NA REGIÃO DE SEGURANÇA NUCLEAR DE ANGRA DOS REIS – RJ

Maria Clara Valverde Sevalho

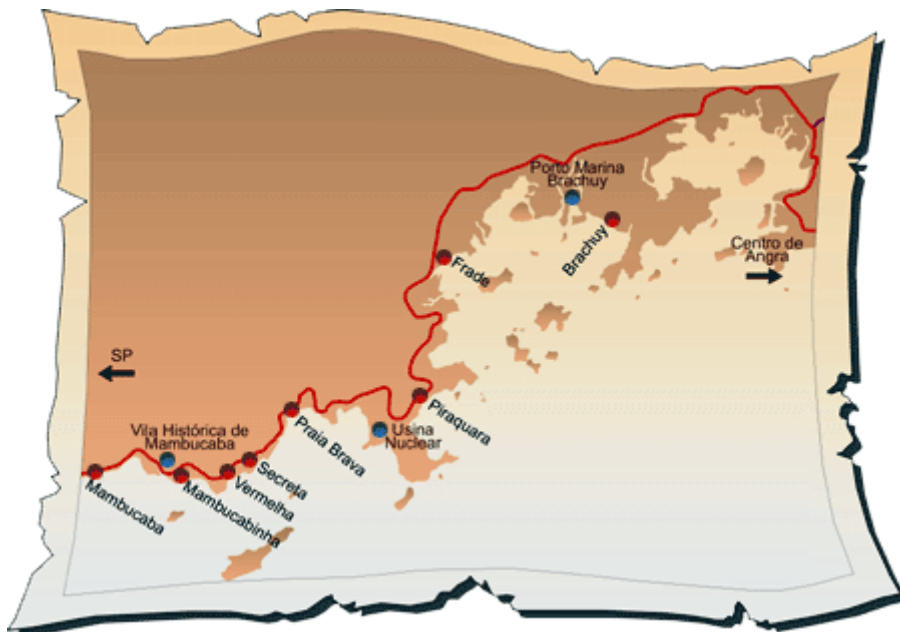
Resumo: Este artigo tem como objetivo desenvolver em pequena escala, um estudo sobre a história do turismo na região de Mambucaba a partir do ano de 1950, abordando o contexto econômico, político e cultural da população local e as principais transformações sociais ocorridas. A descaracterização da cultura local caiçara, o êxodo rural intenso, a vinda de operários para a construção da usina nuclear e a instalação de *resorts* são fatos que marcaram a região de maneira profunda. A autora é residente do município, e pesquisa sobre a questão nuclear nesta região turística há quatro anos, através da UFF.

Palavras-chave: Mambucaba, Impactos Sócio-ambientais, Turismo Local, Segurança Nuclear.

1. Mambucaba: o 4º distrito de Angra dos Reis

A região de Mambucaba (fig.1) comporta os bairros de Bracuhy, Frade, Praia de Itaorna, Praia Vermelha, Praia Brava, Perequê, Vila Histórica e Vila Residencial de Mambucaba. Estes são os principais bairros, onde existem pequenas vilas entre eles. Frade e Perequê são os que concentram o maior número de pessoas, totalizando mais de 20 mil habitantes (IBGE, 2010).

Figura 1 – região de Mambucaba, Angra dos Reis (RJ).



Fonte: *site angra2000*, mai. 2016.

A Vila do Frade possui 2.174 mil m², apresenta pequena enseada, com uma área grande de planície que divide a praia dos morros. Próxima às usinas nucleares de Angra I e II, o Frade foi dividido ao meio pela estrada Rio-Santos e abrigava importante *resort* da Costa Verde, o Frade Golf Resort (conhecido como Hotel do Frade, foi extinto e hoje outra rede hoteleira está no local). Comporta uma grande área de terras planas do município de Angra dos Reis, onde encontramos a histórica Fazenda Grataú (Santos, 2009).

O Perequê, também chamado de Parque Mambucaba nos dias atuais, possui extensa área geográfica. No último censo em 2010, constatou-se 15.763 habitantes. É o bairro mais populoso de Angra dos Reis. Assim como o Frade, foi cortado ao meio pela estrada e é o principal bairro que abriga trabalhadores das usinas nucleares.

A praia de Itaorna (fig.2) abriga o parque das usinas nucleares, área de segurança nacional. Completamente descaracterizada e despovoada, as usinas se instalaram em todo seu terreno porque usam a água do mar para resfriar suas turbinas. Nela foi construído um quebra-mar que protege as usinas de possíveis tempestades marinhas.

O bairro mais próximo às usinas é a Praia Brava, a vila operária oficial da estatal Eletronuclear. Residem nela os técnicos e operários de média importância, na hierarquia da empresa estatal. Também é freqüentada por muitos surfistas de Angra, por ser a única praia do continente propícia à prática do *surf*.

Figura 2 – Praia de Itaorna, parque das usinas nucleares Angra I e II.



Fonte: Areaseg.com, jun. 2016.

Praia Vermelha é um bairro pequeno e basicamente turístico, com pousadas luxuosas e médias em torno de paisagens naturais que atraem grande número de turistas durante o verão. Situa-se próxima às usinas, e participa dos exercícios de simulação de acidentes nucleares. Porém a rede turística não participa e nem dispõe de informação adequada sobre esse tipo de ação.

Tombada pelo Iphan em 1969, a igreja da Vila Histórica de Mambucaba abriga séculos de cultura angrense dos tempos coloniais. Com diversas pousadas, dos mais diferentes tipos, a Vila Histórica, foi região econômica de importância acentuada no escoamento da produção de café do Vale do Paraíba, dentre outras atividades como a produção de óleo de baleia. Também foi terreno de guerras lendárias entre os índios tupinambás e europeus (MAMBUARTE, jun. 2016). Há escrituras do famoso Hans Staden, sobre os conflitos sangrentos, quando este foi prisioneiro dos índios nesta região. Sua localização era estratégica com a foz do rio Mambucaba, que possuía importante papel na dinâmica econômica e social dos índios tupinambás e dos primeiros colonizadores. A praia desta vila chama-se atualmente de Mambucabinha (MAMBUARTE, jun.2016).

Diferindo-se de todos os bairros existentes do distrito de Mambucaba, a Vila Residencial é o bairro dos altos funcionários das usinas nucleares. Apresenta um planejamento urbano elitizado e controle de entrada com seguranças da empresa estatal Eletronuclear. A vila residencial localiza-se a beira mar da extensa praia de Mambucaba, já no município de Paraty (muito próxima à divisa de Angra).

Figura 3 – Itaorna e suas bananeiras, início das construções de Angra I em 1972.



Fonte: ELETRONUCLEAR, 2013.

1.1 Atividades econômicas pós-1950

O cultivo da banana foi a principal atividade anterior a segunda metade do século XX, como alternativa econômica da grande crise enfrentada no início do mesmo. Devido à quantidade elevada de consumidores da banana, este produto virou um marco na cultura local. A praia de Itaorna até os anos 1970, era terreno de bananeiras na área da mata atlântica (fig.3), (BERTONCELLO, 1992, p. 51).

A pesca artesanal sempre foi uma atividade vigente na região, que se perdura aos dias atuais nas famílias caiçaras (palavra que significa em tupi, cesto de peixe): “Cabe destacar que a pesca é uma atividade impulsionada basicamente por membros da comunidade local, ocupando assim um contingente importante de mão-de-obra.” (MARAFFON, p. 53, 2005).

O ritmo da produção agropecuária local restabelecia a imagem da região como distribuidora de alimentos (banana, farinha de mandioca, peixe e um pouco de café) para o estado, porém com baixo dinamismo. Com a coexistência de grandes latifúndios e pequenas posses caiçaras, a situação legal de posseiros caiçaras era considerada irregular, causando futuros conflitos de terra. Através do censo de 1950, relata-se que a atividade industrial era insignificante visto à produção agropecuária, restringindo-se a uma pequena indústria de pesca na Ilha Grande: a famosa fábrica de sardinha japonesa (IBGE, jul. 2016).

As atividades portuárias também auxiliam o ritmo econômico local, a partir do escoamento de produtos vindos de Minas Gerais. Em conjunto à criação da Escola Naval na década de cinquenta, o porto de Angra ganha maior visibilidade devido ao prestígio militar da Marinha do Brasil. A cidade estava representada à nível nacional, gerando crescimento urbano acelerado (BERTONCELLO,1992).

Dez anos depois da criação do Colégio Naval, o estaleiro Verolme é construído, atraindo milhões de trabalhadores de diversas regiões do país. Anos depois, o governo militar, define publicamente a Praia de Itaorna – Mambucaba, para sediar as usinas do programa nuclear brasileiro.

2 – Transformações e impactos sócio-ambientais:

O Frade Golf Resort (Hotel do Frade), se tornou o maior complexo de turismo e lazer de Mambucaba, em conjunto á outras grandes redes hoteleiras. Com um público repleto de celebridades globais, esses investimentos trouxeram a necessidade de mão-de-obra especializada nos serviços turísticos, e de centenas de operários de outras regiões do país para a construção civil. (Santos, 2009)

Essa lógica foi decisiva para a configuração espacial do distrito. A partir da escolha do local para a implantação do projeto de construção das usinas e da efetiva implantação, toda região do litoral sul fluminense passou a sentir os impactos diretos e indiretos dessa escolha, em particular a Vila do Frade e do Perequê. Famílias tradicionais de caiçaras com pequenos roçados, tiveram que ceder seu território para o Frade Golf Resort (Hotel do Frade):

“não houve indenização para a saída dessas famílias, pois foram incorporadas ao quadro de empregados do hotel e continuaram vivendo em suas casas até que a expansão do complexo as obrigou a deixarem o local e irem, na maioria dos casos, habitar a Vila do Frade (...) Hoje não há nenhuma família de posseiro habitando a área do complexo do Frade Golf Resort”. (Santos, 2009)

As décadas de 1980 e 1990 consolidariam as transformações iniciadas na década de 1970. A Marina Porto Bracuhy, uma das melhores estruturas de náutica da região, abriga um condomínio de classe média alta que poluiu a praia do bairro (Santos, 2009). Do outro lado da estrada, próximo aos morros, existe uma comunidade quilombola local e uma aldeia indígena guarani (original da região sul do Brasil). Esta área é próxima à Serra da Bocaina, com diversas cachoeiras, se encontra em preservação ambiental, inserida no Parque Nacional da Serra da Bocaina.

O quilombo Santa Rita do Bracuhy e a aldeia guarani Sapukay, praticam atualmente o turismo de base comunitária. Com roteiros específicos sobre suas culturas tradicionais, atingindo em sua maioria o público acadêmico. Ambos são protetores de seus territórios, num cenário de especulação imobiliária e disputa por direitos sociais que assegurem a permanência de suas comunidades dentro de uma área de proteção ambiental.

Pequenos estabelecimentos turísticos como pousadas, pensões e *camping's* são responsáveis por empregar um grande número de trabalhadores de outras localidades. Tais empreendimentos são responsáveis por serviços de hospedagem para empresas ligadas às usinas de Angra I e II (Santos, 2009).

2.1 Efeitos pós-modernos na cultura local caiçara:

Diversos impactos ambientais surgiram com o rápido crescimento urbano dos condomínios e bairros, por exemplo: poluição de praias, falta de saneamento básico, aterramento de rios e manguezais. Os caiçaras perderam o direito de pescar em áreas tradicionais, de gerações antigas:

“ A especulação imobiliária que loteou praticamente toda a costa marinha daquela região tem provocado muitos problemas. As grandes embarcações, iates que estão sempre na região afugentam os cardumes, tamanho o barulho dos motores, e rasgam as redes de pesca com suas hélices. Há, também, os perigos de se pescar muito perto das encostas onde se encontram as mansões, pois, não raro, são recebidos a tiros pelos vigias encarregados de proteger o patrimônio.” (Santos, 2009)

A cultura caiçara baseia-se em vilas de pescadores descentralizadas, onde as praias se caracterizam como principal meio de referência social. Os festejos misturados com a religiosidade cristã específica de cada local, apresenta calendários baseados nas épocas propícias à pesca coletiva. Os caiçaras dominam técnicas variadas de artesanato para diversos fins, desde a construção de casas a enfeites domésticos. O fandango, a seresta e a ciranda

são as manifestações musicais que se destacam nas comunidades, envoltas no improviso de versos rimados com as situações atuais das festas (OCARETE, jun. 2016).

O rápido avanço da indústria nuclear em conjunto ao turismo de corporações internacionais, transformou de forma abrupta os costumes locais. Porém existem pequenos núcleos de famílias caiçaras que resistem à invasão demográfica e aos diversos impactos sócio-ambientais, entravadores das práticas ancestrais de seus costumes.

Na praia do Frade, um pequeno conglomerado de famílias divide a parte pública das ruas próximas a praia, que também é local de tráfico de drogas e é dividida pela marina do antigo Hotel do Frade. Os sobrenomes tradicionais das famílias são referências de localização da área praiana. Estas famílias realizam as festas tradicionais dos pescadores, em especial a grande festa de São Pedro, onde são distribuídas de forma gratuita peixes para toda a comunidade.

3 – Influências no Turismo Local:

O Projeto TURIS, apresentado à sociedade civil em 1973 pela Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) e criado pela empresa francesa *Scet International*, difundiram a beleza cênica do patrimônio natural da região a nível internacional. Em conjunto a este projeto que não se concretizou mas que “abriu as portas” dos empreendimentos turísticos atuais, a estrada Rio-Santos facilitou o acesso a mais de 250 praias reconhecidas no projeto Turis como atrativos turísticos. (SIQUEIRA, 1989).

Por ser construída sem um planejamento ambiental e turístico, a estrada Rio-Santos é constantemente atingida desde sua criação por quedas de barreiras durante a alta estação turística (verão), gerando congestionamentos intensos nos feriados e fins de semana. Se uma queda de barreira causa engarrafamento caótico, no caso de um grave acidente nuclear em que todos os moradores queiram se retirar de forma rápida, o caos urbano será imediato.

3.1- Segurança turística e o plano de emergência:

O plano de emergência baseia-se num conjunto de medidas, para evacuar a população local das áreas próximas às usinas de Angra I, II e III, em caso de um acidente nuclear (fig.4). Todas as centrais nucleares devem possuir este plano para proteger as pessoas que moram no entorno da mesma.

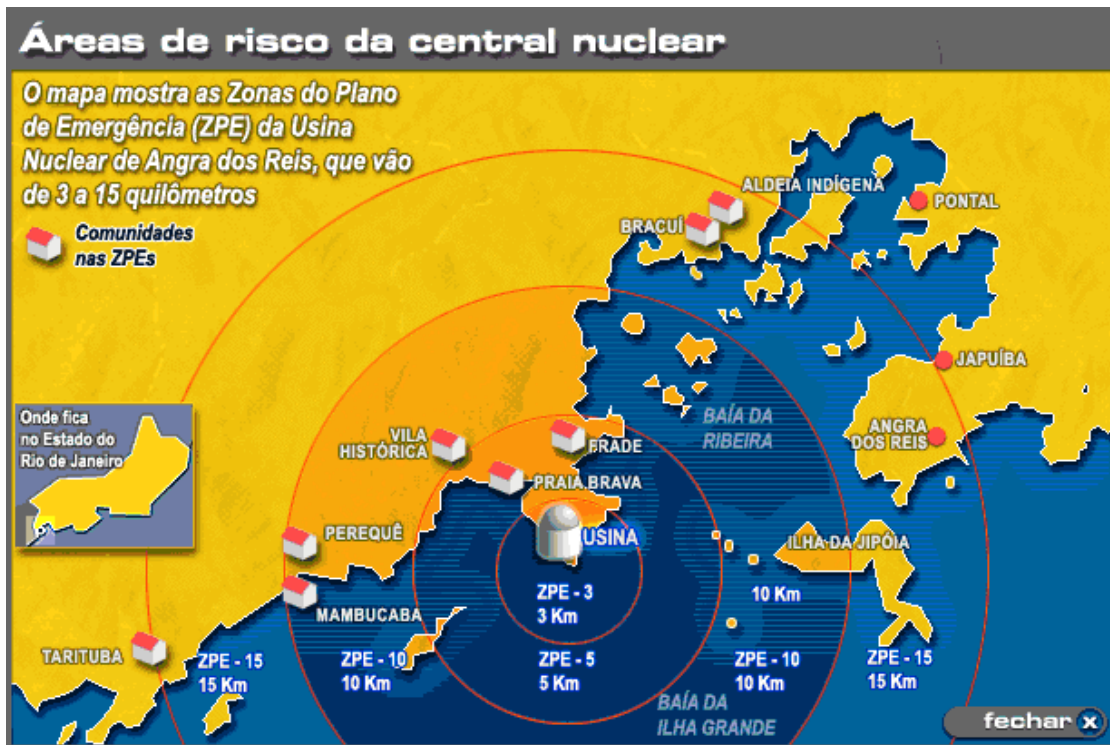


Figura 4: Áreas de Risco da Central Nuclear (BRASIL, 2013).

As medidas emergenciais consistem na retirada imediata dos moradores que estão localizados a 5 km da Central Nuclear. A empresa Eletronuclear criou um sistema de alarme por sirenes e pontos de reunião para saída de emergência. Em caso de acidente, prevê-se o toque das sirenes e as pessoas, conforme suas localidades se dirigirão aos pontos de reunião para saída imediata do local.

Estes pontos de reunião (pontos de ônibus com estacionamentos pequenos ao lado) são ineficientes, visto o número de residências circunvizinhas às usinas. Caso haja visitantes ou turistas neste raio de 5 Km, estes são orientados a se dirigirem de forma “tranquila” para seus destinos de origem.

Nenhum estabelecimento turístico do distrito de Mambucaba possui treinamento específico para lidar com acidentes nucleares, os hoteleiros dizem que a divulgação das medidas poderia afugentar o público em vez de assegurar. Sabemos que emergências nucleares nos dias atuais geram pânico nas sociedades como um todo.

O histórico de Chernobyl, Tree Mile Slands, Fukushima, por exemplo, geraram conhecimentos públicos sobre os malefícios causados pela radioatividade e o caos que essas regiões viveram. Na época de Fukushima, moradores da região de Mambucaba se mostraram preocupantes em relação às usinas de Angra I e II devido aos pequenos acidentes que aconteceram ao longo de 20 anos. Porém, como a maioria das famílias possui vínculos empregatícios com a indústria nuclear, não houve protestos públicos sobre a segurança nuclear em Mambucaba, apenas reportagens em mídias nacionais sobre a falta de segurança vivida.

A SAPÊ (Sociedade Angrense de Proteção Ecológica) é um movimento social que promove manifestações há 30 anos contra as usinas. Atua principalmente na região central de Angra. A forte desmobilização da população local do distrito de Mambucaba sobre a exigência pública de se ter um plano de emergência eficaz, fez com que a SAPÊ não possuísse aderência nos inúmeros protestos ocorridos nos anos de 1980 à 1990, onde militantes simulavam um simples acidente de carro durante um exercício do plano. Esse tipo de protesto parava a estrada nos dois sentidos, escancarando a falência do mesmo.

4- Considerações finais

Um breve estudo sobre os fatos históricos do distrito de Mambucaba, nos auxilia a compreender a paisagem desta região caiçara. Com a resistência desta cultura, em famílias que se adaptaram ao novo cenário social das indústrias do turismo e nuclear, a memória de um povo continua viva em seus festejos tradicionais e outras manifestações populares.

Os bairros que mantinham seus territórios saudáveis, equilibrados com o meio-ambiente num ritmo rural de comunidade, foi absorvido pela indústria nuclear. Apesar da insegurança latente dos moradores, o turismo se desenvolveu rapidamente e não há cobrança pública sobre o plano emergencial, que ignora esse número crescente de turistas próximos às usinas e no município angrense.

Como mobilizar a população local a se empoderar de uma consciência ambiental, capaz de mudar o atual cenário de insegurança? Quais estratégias iriam envolver um maior número de pessoas interessadas nesta cobrança pública necessária?

O cenário atual das usinas é marcado pela investigação da Lava-Jato, que prendeu a equipe do mais alto escalão da empresa estatal Eletronuclear. As obras de Angra III foram embargadas, por haver número exorbitante de bilhões de reais em propinas para empreiteiras famosas. Porém a maioria da população atual quer a retomada das obras, devido ao número de empregos diretos e indiretos gerados no comércio local e etc.

Ou seja, recuperar a consciência coletiva de que viver numa área de segurança nuclear exige uma série de direitos sociais específicos para o cidadão local, é uma realidade quase impossível de se conquistar no distrito de Mambucaba.

Neste período histórico estudado, a interferência do capital global se fez com maior agressividade nas culturas locais e desmobilizaram uma teia de valores ambientais que se perderam em meio a uma sociedade

massiva e industrial. Os caiçaras nativos reconhecem esse fluxo de sociedade industrial nos seus antigos territórios, como uma verdadeira invasão demográfica, que desconfigurou e poluiu seus rios, mares e mangues num cenário de insegurança nuclear.

REFERÊNCIAS

AREASEG. Disponível em: <http://areaseg.com/vote2/html/un.html>. Acesso em: agosto, 2016.

BERTONCELLO, R. **Processo de Modernização e Espaço local**: o caso do município de Angra dos Reis, p. 51, R.J. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

OCARETE. Disponível em: <http://www.ocarete.org.br/povos-tradicionais/caicaras/>. Acesso em: ago. 2016.

IBGE, 2010. Disponível em: <http://populacao.net.br/populacao-parque-mambucaba-angra-dos-reis-rj.html>. Acesso em jul. 2016.

IBGE, 1950. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/70/cd_1950_rj.pdf. Acesso em: julho, 2016.

MAMBUARTE. Disponível em: <http://www.mambuarte.com.br/historia.php>. Acesso em: maio, 2016.

MARAFON, Glaucio Jose et al. **Regiões de Governo do Estado do Rio de Janeiro**: uma contribuição geográfica. p. 53. Rio de Janeiro: Gramma, 2005.

SANTOS, Luiz Augusto de Faria. **Relações entre território, atividade econômica e migrações – configuração espacial no Município de Angra dos Reis: um foco na escala local – a Vila do Frade**, 2009.

SIQUEIRA, Priscila. **Genocídio dos Caiçaras**. pg. 62 – 63.

São Paulo: Ed. Massao Ohno, 1984.